



RAMALHO, Christina. Eneias em pauta: notícias sobre a obra *Eneias. La trayectoria transatlântica de um mito fundacional*. In: **Revista Épicas**. Ano 4, N. 8, Dez 2020, p. 304-310. ISSN 2527-080-X. DOI Épicas 8 - 10.47044/2527-080X.2020v8

**ENEIAS EM PAUTA: NOTÍCIAS SOBRE A OBRA
*ENEAS. LA TRAYECTORIA TRANSATLÁNTICA DE UN MITO FUNDACIONAL***

HERNÁNDEZ, Álvarez; WEISS, Irene; LEOPOLD, Stephan (Eds). **Eneas. La trayectoria transatlântica de um mito fundacional**. Göttingen: V&R unipress; Mainz University Press, 2019.

Christina Ramalho¹
Universidade Federal de Sergipe

A capa de *Eneas. La trayectoria transatlântica de um mito fundacional*, que reproduz um fragmento da pintura de Giovanni Battista Tiepolo (1696-1770) intitulada *Aeneas introducing Cupid dressed as Ascanius to Dido*, é um sedutor convite ao livro que, já em seu título, ressalta o caráter fundador de um herói, Eneias, que, figura central da famosa epopeia *Eneida* de Virgílio (70 a.C.-19 a.C), se fez também fundador, através da obra, de muitas tradições épicas e literárias, de forma geral, fora do espaço-tempo da literatura latina. E o adjetivo “transatlântica” do título, nesse sentido, também é esclarecedor.

¹ Doutora em Letras (UFRJ, 2004). Professora-Associada 1 da Universidade Federal de Sergipe. Membro do CIMEEP, do GELIC, do REARE e do IIS. Coordenadora, com Margaret Anne Clarke do GT 5 – Historiografia Épica.

Na pintura de Tiepolo, Eneias pensa apresentar seu filho Ascânio para a rainha Dido, mas, na verdade, mal disfarçado, quem está em cena é o pequeno e poderoso Cupido, que logo atuará para deixar o casal refém de seus feitiços divinos. O livro, que reúne 14 artigos (10 em espanhol, 2 em italiano e 2 em alemão), também terá sua própria magia, pois, tal como anunciam, na “Presentación”, os organizadores/editores Arturo Álvarez Hernández, Sthepan Leopold e Irene Weiss, a *Eneida* pode envolver campos semânticos – simbólicos e políticos – conflitantes e gerar, como influência, não só expressões literárias (e artísticas) afinadas com a ideologia imperialista das conquistas como também dar voz à crítica a essa mesma ideologia.

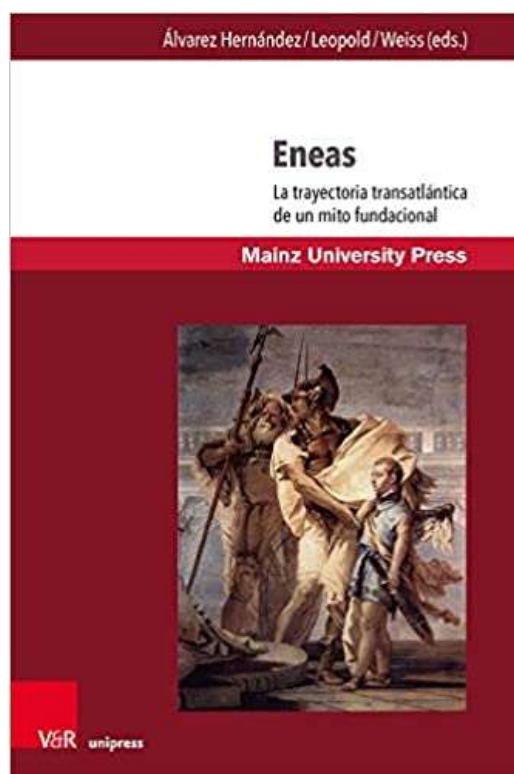


Fig. 1: capa do livro²

De outro lado, os organizadores nos lembram que a figura mítica de Eneias está constituída *“inicialmente por una serie de temas y motivos recurrentes: una larga navegación sin rumbo claro, amor, prosecución de um destino histórico, fundación, império”* [inicialmente por uma série de temas e motivos recorrentes: uma longa navegação sem rumo claro, amor, busca de um destino histórico, fundação, império]

² Fonte: <https://www.amazon.com.br/Eneas-Trayectoria-Transatlantica-Mito-Fundacional/dp/3847110691>.

(2019, p. 7), pluralidade que, por sua vez, possibilita, entre outros, que sua imagem seja tomada como referente para diferentes investimentos temáticos.

Na confluência entre as possíveis dimensões políticas que a obra de Virgílio envolve e a pluralidade temática relacionada à trajetória de Eneias em *Eneida* e à sua inserção cultural como imagem mítica na cultura ocidental, a recepção à proposta do livro já parte de uma expectativa entusiasmada de leitura, tanto pela sedução que irradia da obra virgiliana e de seu herói como pelo convite que o adjetivo “transatlântica” faz.

Cabe ainda sublinhar que os organizadores dão ênfase ao fato de a influência da epopeia de Virgílio não se restringir ao gênero épico. Na verdade, não se restringe nem mesmo à literatura, e a capa do livro é prova disso. Assim sendo, o que encontraremos nos artigos que compõem a coletânea? Descrevo as abordagens de cada partindo do critério do idioma, já que, como aponte, há artigos em espanhol, italiano e alemão.

O primeiro artigo em italiano – “*Le decisioni di Enea e il concetto di storia nell’Eneide*” [As decisões de Enéias e o conceito de história na Eneida] – é assinado por Jochen Schultheiss, da Università di Würzburg, na Alemanha, que desenvolveu sua análise de *Eneida* a partir de três objetivos: estudar o modo com as decisões importantes de Eneias foram construídas em termos narrativos; aproximar essa estrutura formal narrativa do plano ideológico, enfatizando o conceito de história trabalhado pelo poema; e realizar uma revisão das decisões individuais de Eneias a partir de seu papel como fundador.

O segundo artigo em italiano é de autoria de Laura Aresi, da Università di Firenze, e propõe um estudo comparado que tem como título “*Il viaggio d’Enea nelle Metamorfosi di Ovidio: distruzione o moltiplicazione di un mito?*” [A viagem de Eneias nas Metamorfoses de Ovídio: destruição ou multiplicação de um mito?]. Compondo suas reflexões, que dialogam com outras visões críticas, Aresi traz também a figura de Ulisses para o texto, destacando as aproximações e as diferenças nos percursos seguidos pelo herói grego e por Eneias e a percepção ovidiana desses percursos.

O primeiro artigo em alemão – “*Aeneas und der Stier. Überlegungen zum Schluss der Aeneis*” [Enéias e Turno. Considerações sobre o final da *Eneida*] – é assinado por Claudia Schindler, da Universität Hamburg, que se dedica à análise do episódio em que Eneias, após pensar em não matar seu inimigo – que, já rendido, suplica pela vida e pela

pacificação entre os povos – é tomado pela cólera e o assassina com violência. A abordagem dialoga com a recepção crítica ao episódio e questões relacionadas ao caráter das personagens e às motivações para suas ações.

“*Die vielen Gesichter der Lavinia – Von Vergil zu Ursula Le Guin*” [As muitas faces de Lavinia – De Virgílio a Ursula Le Guin], também em alemão, é o capítulo de autoria de Christine Walde, da Universität Mainz, que se volta para a personagem Lavínia e para as reverberações da obra de Virgílio na produção literária da premiada escritora norte-americana Ursula Kroeber Le Guin (1929-2018), que, em 2008 publicou o romance *Lavínia*. Por meio do texto de Walde ficamos, entre outras observações que reforçam a trajetória transatlântica de Lavínia, sabendo da existência de *The Lavinia: an epic poem*, obra de 1993 do também norte-americano Claudio R. Salvucci.

Arturo R. Álvarez Hernández, da Universidad Nacional de Mar del Plata, na Argentina, com o artigo em língua espanhola “*La Eneida como palabra vática fundante*” [Eneida como palavra poética fundante], se propõe a dimensionar o que chama de “epos virgiliano”, reconhecendo uma dimensão “programática” em Eneida no âmbito da consciência criadora. Para tal, presta especial atenção ao próêmio em que Érato aparece como a musa eleita para ser invocada Hernández relembra a obra *Argonáutica*, que também traz Érato como musa e discorre sobre o sentido dessa aparição na epopeia virgiliana.

Marcos G. Ruvituso, também da Universidad Nacional de Mar del Plata, apresenta “*El poeta, los árboles y Eneas*” [O poeta, as árvores e Eneias], texto em que faz uma peculiar abordagem que estabelece relações entre algumas imagens de árvores que surgem de vez em quando ao longo das obras de Virgílio e as comparações entre o herói Eneias e essas árvores, como eixo figurado que dimensiona as contradições vividas pelo personagem em sua missão de fundar a linhagem romana.

Em “*Eneas como mito fundacional en las letras hispánicas medievales: de San Isidoro de Sevilla a don Enrique de Villena*”, Juan Héctor Fuentes, da Universidad de Buenos Aires, desenha a trajetória diacrônica da imagem de Eneias na literatura hispânica medieval, revelando como esse percurso sustentou sua figuração como um mito fundador mas também paradoxal dada a coexistência de produções literárias difamatórias, ancoradas na valorização, por exemplo, de Dido, e outras, de viés político e laudatório, que valorizam o heroísmo de Eneias.

Timo Kehren, da Universität Mainz, autor de “*El complejo de Cartago: refracciones fantasmagóricas en La Celestina*” [O complexo de Cartago: refrações fantasmagóricas em La Celestina], recupera, inicialmente, algumas tragédias do Século de Ouro que dialogaram com a imagem de Cartago, para, em seguida, se centrar na obra do espanhol Fernando Rojas (1470-1541) *La Tragicomedia de Calisto y Melibea* (c. 1502), conhecida como *La Celestina* e estabelecer uma leitura comparada com *Eneida*, também trazendo à cena *El burlador de Sevilla*, atribuída a Tirso de Molina.

Irene M. Weiss, da Universität Mainz, em “*Por raro ejemplo y ocasión traída: sobre Dido y Cartago en La Araucana de Ercilla*” [Por raro exemplo e ocasião trazida: sobre Dido e Cartago em *La Araucana* de Ercilla, se volta para a perspectiva transatlântica proposta pelo título do livro e discorre sobre as relações entre a epopeia de Virgílio e a epopeia chilena de Ercilla, tecendo também comentários sobre a influência da *Farsália*, de Lucano, em *La Aracauna*. O que Weiss se propõe a fazer é observar de que modo Ercilla fez uso dos episódios relacionados a Dido e Cartago para moldar sua própria epopeia.

Robert Folger, da Universität Heilderberg, em “*El parayso terrenal: la epopeya y el ideologema de la translatio imperii et studii en Pietro Martire d’Anghiera, Carlos de Sigüenza y José Fernández de Lizardi*” [O paraíso terrestre: a epopeia e o ideologema da *translatio imperii et studii* em Pietro Martire d’Anghiera, *Martire d’Anghiera*, Carlos de Sigüenza e José Fernández de Lizardi], expande o olhar para as reverberações, ou “transferência de saberes”, da *Eneida*, e elege escritores de diferentes épocas – o cronista italiano Pedro Mártir de Anglería (1457-1526); e os mexicanos Carlos de Sigüenza y Góngora (1645-1700) e José Fernández de Lizardi (1776-1827) – para dimensionar, à luz de Hamilton, entre outros, a visão da epopeia de Virgílio como “un paradigma de la expansión y transmisión de cultura e ideología de un sitio a otro” [um paradigma de expansão e transmissão de cultura e ideologia de um lugar para outro].

Juan Diego Vila, da Universidad de Buenos Aires, em “*Callaron todos, tarios y troyanos: cifra melancólica y metamorfosis épica en el Quijote de 1615*” [‘Todos calaram-se, tírios e troianos’: figura melancólica e épica metamorfose em Dom Quixote de 1615], parte da hipótese de que, na segunda parte de Dom Quixote, a aventura com o macaco adivinho e o titereiro possa estar operando como uma figura bilateral do que se poderia considerar como uma coordenada troiana do ambulante. Para respaldar sua

visão, Vila destaca a aparição de citações explícitas às epopeias greco-latinas (como a que aparece no título do artigo que se refere ao livro II da *Eneida*), mostrando que o texto de 1615 privilegia Eneias.

Em, “*Más allá de la manía enéidica. Transposiciones virgilianas en Cervantes, García Márquez y Fuentes*” [Além da Eneida-mania. Transposições virgilianas em Cervantes, García Márquez e Fuentes], Stephan Leopold, da Universität Mainz, após trazer alguns exemplos da trajetória de influência exercida por *Eneida* na literatura ocidental, centra sua análise, numa perspectiva declaradamente “anti-eneídica”, em *Dom Quixote de la Mancha* (1605/1615), do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), *Cem anos de solidão* (1967), do colombiano Gabriel García Marquez (1927-2014), e *Terra Nostra* (1975), do mexicano Carlos Fuentes (1928-2012), ressaltando que: “*ambas obras surgen de un evidente anhelo épico, siendo asimismo novelas totales en el sentido de que abarcan el surgimiento y el ocaso del mundo que describen*” [ambas as obras surgem de um evidente anseio épico, sendo também romances totais no sentido de que abrangem a ascensão e a queda do mundo que descrevem]. Assim, também em Leopold encontraremos a perspectiva transatlântica, em visão crítica peculiar.

Por fim, Xuan Jing, da Universität Heilderberg, assinando “*La Eneida y la invención de América: entre Hernán Cortés y Esteban Echeverría*” [A Eneida e a invenção da América: entre Hernán Cortés e Esteban Echeverría], se propõe a uma leitura comparada centrada na temática da “invenção da América”, partindo da premissa de que *Eneida* é o mito genealógico mais poderoso desde a Idade Média e que, na América, teria sido tomado como um modelo narrativo de legitimação política. As obras eleitas como corpus são *Cartas de relación* (1522) do espanhol Hernán Cortés (1485-1547) e *La Cautiva* (1837) do argentino Esteban Echeverría (1805-1851), o que define tempos e espaços distintos de reflexão.

Como se pode observar, a partir das propostas acima descritas, o livro seduz não só pelo tema, como pela diversidade de tempos, espaços, olhares, recortes, hipóteses, diacronias e sincronias, semelhanças e diferenças, alusões a personagens, apropriações e transgressões, fazendo do mito de Eneias e da obra *Eneida* pontos de partida para múltiplos olhares, que demonstram o potencial multissignificativo não só das obras literárias como também dos textos críticos que dinamizam a vivência da experiência estética e a reflexão sobre uma série de conteúdos que, afinal, precisam ser

apresentados ao público leitor que, como Dido, pode ter a sensação de estar conhecendo os “filhos” e as “filhas” dos investigadores e das investigadoras que integram *Eneas. La trayectoria transatlântica de um mito fundacional*, quando, na verdade, estão mesmo é entrando em contato com um simbólico Cupido, que nos leva a sair dos textos buscando novamente a *Eneida*, para nos assombrarmos com sua capacidade de desdobrar-se no imaginário de homens e mulheres que, mundo afora, assumem para si a tarefa de escrever seu tempo sem, entretanto, deixar de realizar o feitiço que converte passado em presente ora por meio de uma estética de negação, desconstrução ou reinvenção, ora como recurso de resgate, mesmo que anacrônico, de um *epos* multifacetado, polêmico e, por isso mesmo, mítico.

Recomendo a leitura e agradeço a oportunidade de redigir esta modesta resenha, deixando um registro final à moda brasileira: a lembrança de nossa primeira epopeia, escrita pelo jesuíta José de Anchieta (1534-1597), *De Gestis de Mendi de Saa* [A gesta de Mem de Sá], de 1563, que tem, como uma de suas características, a presença explícita do modelo virgiliano.